

É hora de acordar

A nacionalização da lavra e da pesquisa mineral no País, perpetrada esta semana pela Constituinte, põe em xeque nossa confiança na eficiência e na estabilidade da nova Constituição. Ao lado de várias outras disposições igualmente atônitas e dissociadas da realidade brasileira e do miope corporativismo que já maculou irreversivelmente o atual esforço constitucional, a descapitalização do setor mineral, via expulsão do capital estrangeiro, representa a certeza de que em breve, muito breve, seremos chamados a mudar muito do que está sendo feito agora. Estamos perdendo a oportunidade de construir uma Constituição estável.

Uma apreciação atenta da realidade contemporânea indica, quanto à questão mineral, exatamente o caminho oposto ao que estamos seguindo. O Brasil possui reservas e potencialidades ainda não mensuradas que o colocam em posição impar no mundo. Seguramente nenhum outro país dispõe das possibilidades minerais do Brasil, a maior parte das quais permanece em estado latente justamente porque nos falta capital. Pois bem. Paralelamente, a pesquisa internacional no setor minerológico e as outras

conquistas tecnológicas dos países de ponta apontam para a exploração de jazidas virtualmente inesgotáveis no fundo do mar, para citarmos uma perspectiva já configurada, ou para a exploração do espaço, numa perspectiva de longo prazo, onde já se acha comprovada a ocorrência de grandes possibilidades no campo mineral. É evidente que o avanço da tecnologia em tal direção sugere uma perspectiva de abundância e não de escassez no futuro, circunstância que nos deveria estimular a explorar agora, e não mais tarde, as nossas reservas minerais.

Estamos vivendo justamente o momento em que o Brasil poderia retirar do seu subsolo a solução da sua crise. Mais tarde, talvez, seja tarde demais. Como fazê-lo, porém, na ausência de capital próprio na dimensão requerida pelas nossas possibilidades? É evidente que o capital estrangeiro, o capital de risco amplamente disponível para o setor mineral nos países escassos de reservas, é o recurso de que deveríamos lançar mão para aflorar uma riqueza que mais tarde poderá não ter tanto valor. A Constituinte, entretanto, preferiu seguir o caminho inverso, o de manter debaixo do chão os minérios de que precisamos agora.

Tão grande é a miopia que se encerra nessa visão xenófoba do interesse nacional que chegamos a duvidar das intenções. Talvez a estratégia da esquerda seja justamente a de empobrecer cada vez mais o País para provocar a convulsão social e a ruptura política. Não pode ser simples ignorância.

As forças moderadas e verdadeiramente lúcidas da Constituinte infelizmente perderam coesão, elas próprias enredadas na conjuntura política que oblitera a visão do futuro, e não estão sendo mais capazes de assegurar o triunfo do bom-senso, do equilíbrio e do verdadeiro interesse da sociedade brasileira.

Receamos a decomposição da autoridade da Constituinte. Os erros que comete, a demora excessiva do processo, a exaustão daqueles que do lado de cá esperam e a frustração nacional que se generaliza constituem material combustível suficiente para um grande incêndio. Felizmente nos resta ainda o segundo turno, uma restia de luz para a qual nos voltamos à falta de alternativas mais realistas. Pode ser que até lá algum fenômeno novo, até o próprio agravamento da crise, desperte o País, fazendo-o acordar para os graves riscos a que está sendo exposto o seu futuro.